

A TENACIDADE É UMA
FORÇA DOMINADORA. ELA
CRIA E MOVE MONTANHAS.

A Voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXI

18-8-1977

(Preço avulso: \$500)

N.º 636

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA

Rua da Carreira
Telef. 6 25 36 LOULE

EMIGRANTE sob o signo da realidade e da autenticidade

Épocas houve, não muito afastadas, em que a troca de bagatelas ou de tendências retrógradas, se mercadejavam em voz corrente meias verdades, bem reticentes, sobre a emigração.

Os pressupostos, deixados antever ou entreabertos, conduziam à formulação e enunciação de juízos precipitados e gratuitos, nem sempre bafejados pela perspicácia e pelo conhecimento realístico da conjuntura determinante.

Se por um lado se indicava com um simplismo ingénuo que o emigrante corria riscos extremos com propósitos de aventura, por outro se lhe assacava aspectos inteiramente negativos tais como o rompimento com as tradições, a dissolução de laços familiares, desvinculação com a terra de origem, e outros mais, designadamente, a adopção de padrões de vida materializantes, ou condições de vivência degradantes.

Poucos ouvidos se davam a auscultar, nas raras obras surgidas, as questões de fundo muito mais complexas, que explicavam a emigração dentro do seu contexto factual.

Hoje, neste pormenor, o panorama modificou-se profundamente e o fenómeno da emigração transcendeu o confidencial e é apresentado para quem quer seja, publicamente, sob o prisma totalizante de causa-

efeito, isto é sob a multiplicidade dos seus aspectos negativos e positivos. Mais ainda: envidam-se empenhos no sentido de lhe atenuar as facetas aceradas de que ainda enferma.

Temos, portanto, ante os nossos olhos, projectado, o retrato inteiro

de um fenómeno a nível nacional, que a todos nós pede ponderada meditação e provavelmente revisão de conceitos, quando não a dissecação das motivações que lhe dão consistência e pretexto.

Há a notar que o emigrante não

(Continua na pág. 5)

CELEBRADA a V Semana Nacional das Migrações

A transcorrida V Semana Nacional das Migrações (de 7 a 14 de Agosto) a qual conclamou a aderência de milhares de católicos, teve os objectivos que antecipadamente se anunciaram da seguinte maneira:

REFLEXÃO — Todos os membros do Povo de Deus e todos os homens de boa vontade são convidados a reflectir melhor, individualmente ou em grupo, sobre os seus deveres e responsabilidades, face aos mais variados problemas decorrentes da emigração.

ORAÇÃO — Os fiéis devem pe-

dir a Deus protecção e graças para os emigrantes e suas famílias para que, no meio de provas e dificuldades, guardem fidelidade aos seus deveres de Homens e cristãos, sendo assim pedras vivas de uma igreja re-

(Continua na pág. 2)

Anómalo estacionamento em torno do Mercado Central de Loulé

Já por diversas vezes e por circunstâncias análogas temos falado sobre problemas de trânsito que afectam Loulé e de quando em vez naqueles que dizem particular respeito à periferia do mercado central desta Vila.

Uma apreciação «in loco» mais atenta, deu-nos ocasião para constatar evidentes anomalias que já de longa data (ao que nos dizem) descambaram em congénitas e inveteradas transgressões.

Verificamos assim que em torno do mercado se condicionou e proibiu o estacionamento «além de 1 hora, das 8 às 14 horas», e que não obstante esta imposição é desrespeitada na generalidade por força de hábitos contraídos há um tor de tempo.

Assim verifica-se que o estacionamento abraça o mercado nas horas de maior movimento deste, em com-

(Continua na pág. 5)

O ZÉ CONSTATA:

Ninguém quer ser burguês mas todos querem ser ricos

O Zé acha que anda pr'aí muito malabarismo misturado com os ditos usados indiscriminadamente, que se colaram às mentes, desde que os «slogans» nelas se insinuaram por força das diatribes oratórias, de feição doutrinária.

A insinceridade é provavelmente adveniente dessa confusão que se estabeleceu com o chavão «burguês» para denunciar o privilegiado fautor de uma classe apelidada de «burgue-

sia», opressora, segundo uns, da classe proletária.

É claro que ao «burguês» foram imputados todos os males que afligiam as classes oprimidas e mais alguns adicionais defeitos para que o seu descrédito fosse maior e mais profunda a sua falência.

Não se contou porém com o espírito pragmático e compreensivelmente ambicioso do homem comum, que

(Continua na pág. 2)

Festas de Verão de Loulé

Esbarramos agora (e sempre) numa curial limitação humana: não podemos ultrapassar as fronteiras do «agora» e penetrar com antecedência desejável nos acontecimentos futuros.

Assim, no momento em que alinhavamos este apontamento, não podemos oferecer mais aos nossos estimados leitores se não a pálida imagem de um comentário, extemporâneo que intenta num esforço de antecipação, discorrer sobre as Festas de Verão de Loulé, ainda não realizadas na data deste bosquejo e já consumadas na altura da sua edição.

Embora ingrata a missão e sujeita a «gafes» de diverso quilate, não nos dispensamos tecer considerandos, isto é arriscar alguns vaticínios, que têm por suporte determinadas premissas a enumerar: os valiosos empenhos congregados designadamente, representados pela Comissão Regional de Turismo, pela Câmara Municipal e por uma prestante comissão organizadora; a elaboração de um programa recheado de motivações aliantes.

Para já e como variante de um cartaz algarvio, cuja legenda demi-

nante se situa no litoral, onde o sortilégio da praia aliado aos atraentes complexos hoteleiros exercem o seu reconhecido fascínio sobre o turista requintado, amante da natureza

(Continua na pág. 5)

DIA DA UNIDADE celebrado no Regimento de Infantaria de Faro

Com o cerimonial e distinção que lhe é peculiar celebrou-se no passado dia 27 de Julho, no Regimento de Infantaria de Faro, o Dia da Unidade.

Ao marcante evento presidiu o sr. General do Estado Maior do Exército, que expressamente se deslocou à referida cidade.

Assim no cumprimento do pro-

(Continua na pág. 4)

Visitantes Ilustres no Algarve

Estiveram em gozo de merecidas férias, no Algarve, algumas destacadas individualidades de destaque social, designadamente o dr. Julius Djuka, com esposa e filha, há seis anos correspondente em Bona do influente diário de Belgrado «Politika».

O dr. Julius Djuka, considerado

(Continua na pág. 4)

A Associação de Comandos inaugurou festivamente a sua sede regional do sul

Os «Comandos» celebraram-se pela sua actuação quando do célebre 25 de Novembro, mas já em acções antecedentes tinham demonstrado a sua capacidade de movimentação e se revelado como uma força disciplinada e disciplinadora.

Na guerra ou na paz, os homens dos «Comandos» têm sabido estar à altura de defender o Povo Português contra traidores ao serviço de estrangeiros, e que já demonstraram

serem capazes de vender a Pátria por um prato de lentilhas.

A Pátria portuguesa é, porém, algo que tem sentido ainda para aqueles portugueses que sentem verdadeiro amor à terra onde nasceram e a tudo o que está ligado a uma Nação com mais de 8 séculos de existência.

Até mesmo depois de se desligarem do serviço militar, os homens

(Continua na pág. 4)

circular é viver

Para que circular seja viver,
viva cumprindo as regras do trânsito.
Evite ultrapassagens perigosas.
Guarde a devida distância do carro da frente.
Respeite os limites de velocidade.

CAMPANHA DE SEGURANÇA RODOVIÁRIA

Socialismo isto (?)

Ordenados chorudos por um lado e miseráveis por outro

Os bons exemplos devem vir de cima já diziam nossas avós, e para mal dos nossos pecados, agora como outrora nas camadas ditas da alta sociedade que os bons exemplos mais escasseiam. Os empresários, os oficiais superiores, os ministros, os secretários de Estado, os Directores-gerais, os chefes de serviço de empresas públicas e privadas, os deputados, os bancários, grande parte dos trabalhadores da cintura industrial de Lisboa e da Lisnave, até dirigentes sindicais, vêm auferindo ordenados chorudos fazendo lembrar os exploradores de outrora.

Estamos assim em campo completamente oposto ao indicado para se construir o socialismo em liberdade de que tanto falam os nossos governantes.

Cava-se de dia para dia a ruína económica da Nação, porque, os mais directamente responsáveis pelos seus destinos, raro se dispõem a sacrificios que sejam de molde a incutir ânimo nos governados para a luta que se impõe travarmos para vencer com honra as dificuldades que se avolumam e só poderão reduzir na proporção do trabalho leal e desinteressado em prol da causa comum que a todos cumpre, especialmente os mais favorecidos.

Todos os partidos políticos defendem aos quatro ventos o bem estar do Povo, só o que está na posição de comando julga acertadas as medidas em vigor para não nos afundarmos, mas ainda não surgiu o primeiro a definir linhas para rumo seguro que nos liberte de intervenções estranhas para o alcançarmos. A vaidade impera, o egoísmo não menos, os Sindicatos para conseguirem as simpatias dos trabalhadores nem sempre atentam na situação de determinadas empresas, para estudo sensato que permita conciliação entre patrões e trabalhadores, e o Governo cedendo praticamente, às pressões dos Sindicatos contribui gran-

demente para a ruína económica da Nação, visto que dispendendo muito e produzindo pouco, o desequilíbrio acentua-se com prejuízo para tudo e para todos. O Povo sente o mal estar da hora que passa, interroga-se a cada momento sobre o dia de amanhã, pelo que se impõe medidas tendentes a alimentar esperanças em dias melhores.

Estas só poderão surgir pela força de vontade de portugueses honestos que ainda os temos felizmente.

Que se revelem pois, quer sejam socialistas, comunistas ou fascistas, dede que sejam honestos e saibam suportar as ideias dos outros para que respeitem as suas. Realizar obra válida a bem da comunidade é o que interessa ao progresso da Nação, havendo pois necessidade de abafar as vozes dos que tudo prometem e pouco ou nada realizam, com fito no prevailecimento de ideologias que não se ajustam à forma de ser e agir da maioria do nosso Povo.

J. PISCARRETA

V Semana Nacional das Migrações

(Continuação da pág. 1)

novada. Igualmente devem ser feitas preces para o aumento do número de missionários e de leigos zelosos ao serviço dos emigrantes.

EXPRESSION DE SOLIDARIEDADE — Toda a família portuguesa deve manifestar para com os emigrantes, incluindo os retornados das ex-colónias — emigrantes, forçados — uma autêntica solidariedade que nos faça sentir irmãos uns dos outros e responsáveis uns pelo bem dos outros, acolhendo-os e ajudando-os concretamente.

RECOLHA DE OFERTAS — Os fieis devem manifestar, nas Missas de domingo, a sua generosidade, através das ofertas destinadas a assegurar uma digna assistência moral e religiosa aos emigrantes.

PEREGRINAÇÃO DOS EMIGRANTES — A Semana terá o seu ponto mais alto com a peregrinação dos Emigrantes em Fátima, nos dias 12 e 13 de Agosto.

Nos dias 12 e 13, teve lugar a grande peregrinação de emigrantes, a Fátima.

Exposição de «A Presença» em Faro

No Teatro Lethes, em Faro, estará presente de 12 a 31 de Agosto a exposição comemorativa do cinquentenário da revista «Presença», de tão grande influência na vida literária portuguesa. Trata-se de uma iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e da Comissão de Turismo do Algarve. O acto inaugural que terá lugar pelas 21,30 horas do dia 12 de Agosto, conta com a presença do dr. David Mourão Ferreira (Secretário de Estado da Cultura). No decurso do mesmo o escritor e crítico literário dr. João Gaspar Simões fará uma conferência sobre o movimento da «Presença», havendo ainda um recital pelo Grupo de Teatro Lethes.

Carta da Venezuela

Sobre os Emigrantes

A nossa condição de emigrante deve ser cada dia melhor analisada e compreendida. Aqueles países que por razões humanitárias ou meramente comerciais, nos deram abrigo, devem revisar com verdadeiro sentido humano e patriótico as actividades de cada um de nós. É certo que todos estamos gratos por nos terem aceite para fazer parte integrante da cidadania de alguns prósperos países. Mas também, é igualmente certo, que a nossa emigração embora (analfabeta) na sua maioria, tem contribuído no engrandecimento e riqueza, dessas mesmas nações, que nos têm dado oportunidade de fazer uma nova vida, à custa de muitas lágrimas e suor.

Estamos igualmente de acordo, que muitos emigrantes têm logrado ganhar verdadeiras fortunas, mas, à custa de quanto sacrifício? Quantos desgostos causaram? Quantas famílias estão hoje desintegradas por culpa dos familiares emigrados? Quantos sonhos ficaram desfeitos?

Estas perguntas ficarão sempre sem resposta, pelos países que nos dão abrigo. «Amor com amor se paga». E nós, temos pago bem caro, pelo pouco de amor que nos têm dispensado. Pois só aqueles que têm necessidade de emigrar, sabem valorar equilibradamente a vida do emigrante.

Sobre este tema, há sempre muitas opiniões e considerações,

mas, o que não é justo, seja qual seja o critério de cada pessoa, é que a troca do nosso esforço e paralelo ao pago da via moeda, sejamos obrigados (pelas circunstâncias) a receber insultos, a ser pisados e humilhados pelos nossos semelhantes, a ser sempre tratados com a alcunha desprezativa de «estrangeiros», e um sem fim de dissabores que podem transtornar o mais paciente dos mortais.

O dia que todos os homens saibam e queiram compreender, que o planeta em que habitamos, se for bem repartido dá para todos, esse dia haverá paz na terra. Este mundo nos pertence a todos, mas o mais difícil é saber repartir a cada qual o bocado que merece. Esta será uma batalha mais árdua que encontrar a cura do cancro.

Entretanto, tanto emigrantes como radicados, seguiremos trabalhando pelo progresso da pátria em que o destino nos colocou, não faltará tempo valorizar-nos.

Para aqueles que dia a dia nos caluniam, devemos ter um sentimento de lástima, pela dose de ignorância e falta de humanidade, que orienta as suas tenebrosas vidas, unicamente alimentadas de ódios e invejas daqueles que sabem ganhar a vida honradamente em qualquer parte do globo terrestre.

MANUEL C. CORGA

O Zé constata

(Continuação da pág. 1)

forma bicha na lotaria da Santa Casa da Misericórdia ou nos milhares de prognósticos entregues ao Totobola... para não falar no malandrin que quer enriquecer à custa alheia.

O Zé que antipatiza com eufemismos de conteúdo ambíguo chegou enfim, depois de muito matutar, porque muitos são os casos implicados, à conclusão de que afinal o Zé do lado ou da esquina, tem por ofensivos o epíteto de «burguês», mas alimenta lá no íntimo o anseio de vir a ser rico, possuidor de fartos teres e haveres, o que no fim de contas vem a dar no mesmo.

No fundo não deixa de dar razão ao seu sócio que, tanto quanto ele, sente o trazo amargo das austeridades, da carência da vida, do alto custo das coisas, da maré alta dos preços, da «inimizade» ao fiel amigo e das incertezas e das agruras que ensonham o horizonte...

Como pode com efeito o Zé acusar alguém, tão vulnerável como ele (economicamente falando), que acu-

lenta o sonho cada vez mais adiado de ser rico, se nessa condição todas as suas preocupações materiais e algumas de sentido social e moral se extinguem e falecem?

Sim, o ser «rico» é essencialmente para o Zé estar a salvo de espectros implacáveis, como o do desemprego, da penúria e dispôr de meios que lhe proporcionem não só o bem-estar como oportunidades de valorização para si e para o seu agregado familiar.

O Zé não pode levar a mal, portanto, estes discretos anseios do seu homónimo, posto que tão secreta quão pragmaticamente também ele cultiva este desiderato...

Burguês, em sentido pejorativo, não quer ser, mas rico... certamente.

Afinal o Zé tem uma noção política muito sua! E na época da liberdade ninguém o pode culpar pela originalidade do seu pensamento, que não conhece (digam o que disserem) enfadamentos, nem excentricidades idealistas.

A vida real é a sua grande mestra!

O ZÉ NINGUÉM

Trespasa-se

Estabelecimento de artigos de bebé, trepassa-se na R. 5 de Outubro, 10 — Loulé.

Trata no local ou pelo telef. 62437.



A Vossa hernia

DEIXARÁ DE VOS PREOCUPAR!

MYOPLASTIC KLÉBER é um método incomparável. Sem mola e sem pelota, este verdadeiro músculo de socorro, reforma a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar.

«COMO SE FOSSE COM AS MÃOS»

Bem estar e vigor, são obtidos com o seu uso. Podeis retomar a vossa habitual actividade. Milhares de herniados usam MYOPLASTIC em 10 Países da Europa (da Finlândia a Portugal). As aplicações são feitas pelas Agências do

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França)

Podereis efectuar um ensaio completamente gratuito em qualquer das Farmácias abaixo indicadas:

FARO — Farmácia Higiene — Dia 25 de Agosto
PORTIMÃO — Farmácia Carvalho — Dia 26 de Agosto
LOULÉ — Farmácia Chargas — Dia 27 de Agosto — somente de manhã
OLHÃO — Farmácia Olhanense — Dia 29 de Agosto
TAVIRA — Farmácia Eduardo Félix Franco — Dia 30 de Agosto — somente de manhã
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Farmácia Silva — Dia 30 de Agosto — somente de tarde
BEJA — Farmácia Oliveira — Dia 31 de Agosto

Durante o intervalo das visitas do Aplicador, as Farmácias Depositárias poderão atender todos aqueles que se lhes dirigirem para adquirir cintas.

VilaSol

ALGARVE

VilaSol está a 20 Km do aeroporto de Faro, junto a Quarteira.

Compre um lote de terreno em VilaSol e comece já a construir num terreno urbanizado - água, luz, esgotos, estradas. Visite-nos.

VilaSol — Estrada Nacional N.º 396 — Quarteira — Telef.: Faro - 65377

Lisboa — ALCÁCER — Companhia de Investimentos Financeiros, Industriais e Agrícolas, SARL
Rua Nova do Almada, 11, 3.º
Telefs.: 36 01 61 / 32 04 03 / 32 68 80

Alvará de loteamento N.º 3/71 da Câmara Municipal de Loulé.

CAMINHOS ASSIMÉTRICOS DA EMIGRAÇÃO

Em editorial o jornal «A Rua», numa das suas últimas edições sob a rubrica «Um subsídio para matar Portugal», depois de estabelecer um confronto entre as palavras do Presidente da República, proferidas a 10 de Junho na Guarda e uma nota saída a 20 de Julho do Conselho de Ministros, faz o seguinte comentário:

«Quer dizer: por um lado o presidente da República condena o regime anterior por ter promovido inconscientemente a emigração; era a falta de visão política e insuficiente ritmo de desenvolvimento que a pro-

vocava; por outro, o seu governo promove, conscientemente, a emigração, subsidiando-a generosamente através de empréstimos reembolsáveis sem juro ou a juro baixo».

Com efeito, reside aqui um certo desfasamento e anacronismo patente, que nos deixa confusos.

Mas como, contra os factos não há argumentos que os salvem, interrogamo-nos apreensivos:

Com um novo êxodo emigratório, que absorverá os braços mais válidos, Portugal pode correr o risco de se confinar à maioria esmagadora do grupo etário senil. Se tal acontecer, dentro de algum tempo o nosso país será transformado num grande retiro para os velhos, reformados e candidatos próximos à aposentadoria, o que não é decerto um futuro lisonjeiro a aspirar.

Trespasa-se

Loja de móveis em Quarteira, por detrás do Café Flamingo, Rua 2 à Av. Infante de Sagres (Junto à Praia) Lote 1, Loja B.

VENDE-SE EM QUARTEIRA

Duas moradias, uma com terreno para construção. Trata o próprio na Rua do Farol — Casa do Prof. Porfírio — QUARTEIRA.

VENDE-SE

Propriedade, sita na Goldra de Baixo (antigo monte da sr.^a Joaquina Tomé) com cerca de 10 000 m² de terreno, mais de 100 árvores de fruto, casa com 153 m² de placa e cisterna.

Tratar com Veríssimo Guerreiro Carapeto (Tita) — Largo Bartolomeu Dias, 76 — Telef. 62241 — LOULÉ.



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da
G. Guerra, N.º 14-1.º Esq.º
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira

(Largo do Chefariz)
Campina de Cima
LOULÉ

Torne mais acolhedor o seu lar

COMPRANDO NA

CASA SIMÃO

as mobílias que mais goste ou os móveis avulso
que mais se harmonizem ao ambiente da sua casa.



Para DECORAÇÕES — ESTOFOS — COLCHOARIA
VISITE A

CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

Praça da República, 8 — Telefone 62110 PPC
Filial: 34, Avenida Marçal Pacheco, 49 a 51
LOULÉ

(6-4)

Nascimento & Pontes, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de ontem, lavrada de fls. 28 a 31, v. do livro n.º C-95, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Manuel Amado Pontes, Maria Odete Nascimento Pontes e Jorge Manuel Nascimento Pontes, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade girará sob a firma de «Nascimento & Pontes, Limitada»;

SEGUNDO — A sociedade terá início nesta data e durará por tempo indeterminado.

TERCEIRO — 1. A sociedade tem a sua sede em Terras do Mar — Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé.

2. Mediante simples deliberação da gerência e respeitando o disposto no artigo décimo quarto desta escritura, a sociedade poderá mudar a sede e criar, encerrar e transferir agências, sucursais, filiais ou outras formas de representação em qualquer parte do território nacional ou no estrangeiro.

QUARTO — 1. Constitui seu objecto a indústria hoteleira, a exploração de pensões, hotéis, unidades ou complexos turísticos, o comércio de mercadorias, vinhos, e utilidades sob a forma de mini e supermercados, de harmonia com as exigências legais, actividades com estas relacionadas, podendo ainda exercer qualquer outra actividade industrial ou comercial em que os sócios venham a acordar e não careça de autorização especial.

2. A sociedade poderá participar noutras sociedades existentes ou a constituir, e ainda cooperar com elas para a persecução do objecto social.

QUINTO — O capital social é de novecentos mil escudos — integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social — e está dividido em três quotas iguais de trezentos mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

SEXTO — São obrigatórias prestações suplementares de capital desde que a assembleia geral assim o delibere por um mínimo de três quartos do capital social.

SÉTIMO — 1. Qualquer sócio poderá fazer suprimentos à sociedade, quando esta deles careça, mediante as condições que forem decididas em assembleia geral.

2. Quando os suprimentos tenham sido efectuados por mais de um sócio, os reembolsos serão feitos proporcionalmente a todos.

OITAVO — 1. A cessão de quotas, no todo ou em parte, mesmo entre sócios, depende do consentimento da sociedade, à qual em primeiro lugar e aos sócios, em segundo, fica conferido o direito de preferência na aquisição.

2. Deliberando a assembleia

dos sócios não exercer o direito de aquisição, deverão os sócios, na mesma assembleia, declarar se desejam ou não exercê-lo, sob pena de perderem o seu direito.

3. Fica igualmente dependente do consentimento da sociedade a divisão da quota por herdeiros do respectivo titular.

NONO — 1. Para efeitos dos números 1 e 2 do artigo anterior, o sócio que pretender ceder a sua quota notificará a sociedade e os sócios, por carta registada, da mesma data.

2. A assembleia dos sócios reunirá no prazo de um mês após a recepção da carta e deliberará exercer ou não o direito de aquisição da sociedade.

3. Deliberando a assembleia dos sócios não exercer o direito de aquisição, deverão os sócios na mesma assembleia declarar se desejam ou não exercê-lo, sob pena de perderem o seu direito.

4. A falta de cumprimento do estipulado nos números 2 e 3 deste artigo entender-se-á como desistência do direito de aquisição, ficando o sócio cedente livre para ceder a quota a quem entender.

5. O preço da cessão à sociedade ou aos sócios será o que resultar do último balanço aprovado.

DÉCIMO — A sociedade poderá amortizar a quota dos sócios:

a) Por acordo com os respectivos titulares;

b) Quando forem julgados falidos ou insolventes;

c) Quando a quota for arrestada ou penhorada e o sócio, por meio de caução, não requerer o levantamento das providências no prazo máximo de um mês ou logo que a sociedade o exija;

d) Se o sócio prejudicar dolosamente ou desacreditar por forma notória a sociedade;

e) Se o sócio ceder a quota sem observância do disposto no número 1 do artigo oitavo e número 1 do artigo nono.

DÉCIMO PRIMEIRO — O valor da quota para efeito de amortização será o que resultar do último balanço aprovado, excepto no caso das alíneas a) e d) do artigo anterior, hipóteses em que o valor será o acordado e o valor nominal, respectivamente.

DÉCIMO SEGUNDO — 1. A gerência, dispensada de caução, será exercida pelo máximo de três gerentes, sócios ou não, com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

2. São desde já nomeados gerentes os sócios Manuel Amado Pontes, Maria Odete Nascimento Pontes e Jorge Manuel Nascimento Pontes.

DÉCIMO TERCEIRO — Compete à gerência, além da definição da política geral da empresa, exercer os mais amplos poderes de gerência, representando a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, assim como praticar todos os actos tendentes à realização do objecto social e em especial:

a) Os constantes dos números dois do artigo terceiro;

b) Adquirir e alienar quaisquer bens, móveis ou imóveis, assim como obrigá-los por quaisquer actos ou contratos, ainda que de constituição de garantias;

c) Movimentar contas bancárias, aceitar, sacar, e endossar títulos de créditos;

d) Contratar os empréstimos necessários à realização do objecto social;

e) Pactuar com os credores e devedores, confessar, transigir ou desistir em quaisquer acções, bem como comprometer-se em arbitragem.

f) Nomear directores, chefes de serviço ou outros auxiliares e encarregar quaisquer pessoas do desempenho constante em nome da sociedade e por conta dela de algum ou alguns dos que constituem o objecto social.

DÉCIMO QUARTO — A sociedade obriga-se com a assinatura de dois sócios, devendo uma delas ser sempre e necessariamente a do sócio Manuel Amado Pontes.

DÉCIMO QUINTO — Qualquer dos sócios gerentes pode delegar todos ou parte dos seus poderes em uma ou mais pessoas, ainda que estranhas à sociedade.

DÉCIMO SEXTO — Fica expressamente proibido aos sócios obrigar a sociedade em actos estranhos aos negócios sociais, designadamente fianças, avales e outros semelhantes sob pena de o infractor ser responsável pessoal e ilimitadamente pelo acto em que intervier, sendo além disso responsável para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar com esse uso.

DÉCIMO SÉTIMO — Em caso de dissolução, serão liquidatários os sócios, que procederão à liquidação e partilha conforme convencionarem e, na falta de acordo, será o estabelecimento social, com todo o activo e passivo, adjudicado ao sócio que melhor proposta apresentar.

DÉCIMO OITAVO — As reuniões da assembleia geral serão convocadas por carta registada, com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com, pelo menos, quinze dias de antecedência, desde que a lei não exija outras formalidades.

DÉCIMO NONO — As questões emergentes deste contrato serão dirimidas pelo foro da comarca de Loulé, com expressa renúncia a qualquer outro.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé,
10 de Agosto de 1977.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

Lote de Terreno VENDE-SE

Terreno situado em Vale da Rosa, pertencente aos herdeiros de Manuel Cortes.

Nesta redacção se informa.

A ASSOCIAÇÃO DE COMANDOS INAUGUROU FESTIVAMENTE A SUA SEDE REGIONAL DO SUL

(Continuação da pág. 1)
que serviram os «Comandos» não se esqueceram do ambiente em que viveram e das amizades criadas por um nobre ideal de servir num corpo de exército onde se fomentam a disciplina, a boa harmonia e o orgulho de se ser português.

Tudo isto terão sido motivos suficientemente fortes para que, mesmo na vida civil, os ex-comandos continuem a estar interligados para uma sã convivência fomentada nos momentos difíceis (e também alegres) passados nos quartéis.

Dá uma das razões principais porque se criou no sul uma delegação da Associação de Comandos, que foi justificada pela respectiva Direcção com as seguintes palavras:

«O grito «MAMA SUME» fez-se ouvir mais uma vez para reunir os «COMANDOS» no Algarve, mais propriamente em Faro.

A Associação de Comandos desde a sua fundação, tem procurado chegar a todos os locais onde existam «Comandos», de modo a levar-lhes uma palavra de esperança ou um simples abraço de amizade que traduza o profundo companheirismo que une toda a «Família Comandos».

Comandos! Camaradas! Amigos! Os fins estatutários da Associação de Comandos, contemplando propósitos amplos, eivados de preocupação social todos eles procurando manter e desenvolver o espírito de corpo, levaram a que os nossos colaboradores desta região sul de Portugal, de notáveis raízes históricas, pudessem tornar realidade as suas mais nobres aspirações — Inaugurar a sua Casa de Trabalho e de Convívio e ainda de Repouso para os que possam chegar de outros pontos do País.

É na verdade motivo para meditar a obra que agora se inicia e de orgulho para aqueles que efectivamente a puderam erguer. Tornam-se desnecessários mais comentários sobre o significado social que tem este Centro de Férias destinado aos mais pequenos e mais humildes da nossa grande «Família».

Pensamos ser oportuno perguntar se afinal valeu a pena?

«...TUDO VALE A PENA QUANDO A ALMA NÃO É PEQUENA». — Fernando Pessoa.

FINALIDADES

Art.º 2.º — A Associação de Comandos tem por fins essenciais:

- Manter e desenvolver o espírito de corpo;
- Ajudar os sócios da Associação a obter emprego e promover a

POR TODOS NÓS

Por todas as crianças que não precisam de escrever, em cartazes vermelhos e nas paredes pintadas, a palavra: «LIBERDADE», porque são a Liberdade, nos seus cabelos desalinhados que desafiam o vento, nas suas mãos sujas que seguram o tempo e nos seus olhos de tristeza e espanto com que fitam as «crianças» estúpidas que são os homens. Por todos os homens que olham as crianças, os animais, as árvores, as pedras e o tempo, com as coisas mais belas que existem, porque conhecem a verdadeira Liberdade, sabendo não estragá-la ao querer aprisionar o mundo no espaço de si mesmos.

Por todos os que se sabem libertar, sobretudo a si próprios, da prisão em que sempre estarão enclausurados se não souberem derrubar as suas próprias grades. sem pisar nem destruir os outros. Pelos homens que não se deixam arrastar pela falsa liberdade gritada das multidões que os levam, como encurruada, para novos charcos de submissão, onde se grita a liberdade e igualdade que nunca terão. Por todos aqueles que procuram, sem desespero nem alienação, o verdadeiro, o único caminho para a Revolução, em si próprios, sem que ninguém os obrigue ou lhes peça, essa Revolução que nunca acabará em nós, mas só em nós, em cada um, começa.

E, para terminar, apenas 2 parágrafos do «Código Comandos»:

«O Comando ama devotadamente a sua Pátria, estando sempre pronto a fazer por ela todos os sacrifícios. Constante exemplo de energia, de amor ao trabalho, de dedicação e de lealdade aos chefes, não dis-

elevação das qualidades cívicas e culturais dos seus membros;

c) Ajudar os sócios, suas viúvas e filhos se encontrem em dificuldades;

d) Desenvolver os laços de amizade e camaradagem entre todos aqueles que estiverem associados com os «Comandos» do Exército;

e) Localizar casos de necessidade entre os membros da Associação ou seus familiares e promover a sua solução;

f) Visitar os doentes e promover amparo aos membros necessitados;

g) Promover, no mínimo, uma reunião anual de confraternização e organizar outras reuniões que sejam necessárias;

h) Colaborar com as Unidades Comandos em termos patrióticos, pugando pelos altos desígnios expressos pela vontade nacional.

§ único — Será vedado nas reuniões da Associação discutir assuntos de natureza política ou religiosa. É expressamente proibido a qualquer sócio servir-se ou tentar servir-se da Associação para efeitos políticos ou religiosos.

x x x

No nosso último número referimo-nos ao programa da festa e às entidades que nela participaram.

Hoje desejamos fazer uma merecida referência ao significado da reunião realizada no Solar das Pontes de Manchil, a qual foi vivo testemunho do espírito de sã amizade entre os «Comandos» e de solidariedade para com os homens em quem Portugal pode confiar sempre que esteja ameaçada a autêntica independência nacional, porque neles continua bem viva a nobreza de sentimentos que são honra e glória de uma nação de 8 séculos.

Que «o Comando é constante afirmação dos ideais que serve», é uma verdade que ficou testemunhada através dos saltos de paraquedas ocorridos no Estádio de S. Luís e cuja precisão de queda demonstram o alto grau de preparação militar desses homens.

E, quer agindo, quer confraternizando com os amigos no jantar volante que foi pretexto para assinalar a inauguração da sede do sul, os homens dos Comandos revelaram estar à altura da missão que lhes é confiada, porque conhecem o verdadeiro sentido da palavra LIBERDADE.

Dão-nos essa certeza o poema inserido no programa das festas e que, pelo seu alto significado, desejamos deixar arquivado nas colunas do nosso jornal.

cuta as ordens que recebe, não admite nem conhece embaraços ou resistências à sua integral execução. Remove todos os obstáculos ao fiel e exacto cumprimento dos seus deveres, sejam quais forem as dificuldades a que tenha de se sujeitar, sem procurar que outrem tome a sua conta o que lhe incumbe fazer.

BRILHANTES FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA BOA HORA

(Continuação da pág. 1)

15 horas, partida do solene cortejo dos Tabuleiros (centros) do Parragil e lugares circunvizinhos; 18 h., celebração da eucaristia; às 19 horas, início da venda dos Ramos, música, iluminação e abertura da quermesse e do bar.

No dia 21 (Domingo) — As 15 horas, missa da festa; às 16 horas, procissão; às 17 horas, venda das ofertas da mesa, funcionamento do bar e venda de flores.

A culminar cada um dos dias, terão lugar actos de variedades e bailes abrilhantados por conhecidos conjuntos.

VISITANTES ILUSTRES NO ALGARVE

(Continuação da pág. 1)

como bom amigo de Portugal e de destacadas entidades portuguesas, não escondeu o seu forte apreço pelas potencialidades turísticas desta província, que classificou de enormes e dignas de integral aproveitamento e à qual irá dedicar alguns artigos jornalísticos.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALBUFEIRA

Anúncio

(Publicação única)

São convocados para comparecer no Tribunal Judicial de Albufeira, no dia 4 do próximo mês de Outubro, às 10 horas, todos os credores da Sociedade Imobiliária Vale Navio, Limitada, com sede na Avenida Eduardo Rio, 1, r/c, Albufeira, para o fim de se proceder à reunião de verificação de créditos, nos termos do art.º 1149.º do Código de Processo Civil, nos autos de declaração de falência que, por apresentação da aludida Sociedade, correm termos pela única secção deste Tribunal. Os credores que não figurem na relação apresentada pela devedora podem reclamar no mencionado processo os seus créditos até 10 dias antes do designado para a reunião; e qualquer credor nos 5 dias seguintes, pode impugnar créditos e denunciar actos culposos ou fraudulentos da dita devedora.

Albufeira, 1 de Agosto de 1977.

O Juiz de Direito, Subst.º,

a) Francisco de Sales Dias Fernandes

O Chefe de Secretaria,

a) José Dias Correia

Cursos de Formação na Escola de Hotelaria e Turismo Algarve

Irão funcionar no próximo ano lectivo na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve Cursos de Formação de Hotelaria nas secções de Mesa, Bar, Cozinha, Pastelaria e Recepção. É de salientar que há dois anos lectivos esta Escola não prepara novo pessoal para a hotelaria dada a crise então registada. Actualmente, vive-se uma época turística considerada propícia ao desenvolvimento da construção de novos hotéis. Prevê-se para breve a abertura do hotel Montechoro e é natural que para o próximo ano o hotel Avis em Alvor, o Eurotel na praia da Alenteira, o Almansor no Carvoeiro e o Holiday Inn em Vilamoura, possam abrir as suas portas para o engrandecimento e prestígio do parque hoteleiro algarvio.

As inscrições para os diferentes cursos terão início a partir de 15 de

Agosto e espera-se grande afluência aos Cursos de Formação dado haver muito desemprego e os jovens, além disso, se sentirem motivados por uma indústria dinâmica, cheia de contactos internacionais, onde é de prever certamente um futuro auspicioso.

Além dos Cursos de Formação já citados, a Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve também irá ter Cursos de Aperfeiçoamento de Hotelaria e Cursos de Línguas para o pessoal que trabalha na indústria turística-hoteleira.

Os que fogem do «Paraíso»

Este ano o número de habitantes da República Democrática Alemã e de Berlim Oriental que fugiram para o oeste, ascende a 690. Cerca de 121 deles atravessaram as barreiras armadas entre as duas Alemanhas, arriscando suas vidas.

Por outro lado, de Janeiro a Março, ascendeu a 2 224 o número de pessoas que se mudaram para a República Federal Alemã, vindos da RDA com a devida autorização, na maioria das vezes trata-se de pessoas já aposentadas.

O número dos que fugiram atravessando as barreiras é constante em relação ao mesmo período do ano passado, quando se registaram 128 fugas. Estes números mostram bem, a liberdade que há na República Democrática (?) da Alemanha, que devido ao reforço do muro de Berlim, um dia fugir da RDA será uma glória.

Já se ouve dizer que para breve vai ser atribuído um prémio (anual) para a melhor fuga da RDA através do intransponível muro de Berlim. Não seria má ideia fazer o mesmo na Rússia.

A. BALAU

PRETENDE-SE APARTAMENTO

Aluga-se pequeno apartamento, com uma a duas assoalhadas, em Loulé.

Resposta à Av. José da Costa Mealha, 110 ou pelo Telefone 62931 — LOULÉ.

(2-1)

PROPRIEDADE

Vende-se próximo desta vila composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras e terra de semear.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Prédio de rés-do-chão, 1.º e 2.º andar, com chave na mão, e uma loja na Rua 5 de Outubro para qualquer ramo de negócio.

Nesta redacção se informa.

(2-1)

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo, Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída par Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA. — Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

EMIGRANTE SOB O SIGNO DA REALIDADE E DA AUTENTICIDADE

(Continuação da pág. 1)
o é por gosto ou desprendimento, mas pela força das circunstâncias adversas ou constrangedoras que encontra no ambiente em que nasceu, na sua própria terra.

No ângulo axial das motivações, estarão porventura distribuídas em doses variáveis, mas predominantes, o seu inconformismo perante a estreiteza dos horizontes e das oportunidades circundantes, o desemprego, as incertezas de um futuro nada promissor, e a legítima ambição de ser alguém, de se valorizar, de prosperar, de se realizar, em suma.

Não se presume, entretanto, que o caudal emigrante é exclusivamente representado pelo núcleo da mão de obra não qualificada. Esta é das tais meias verdades. Também para o exterior, com a alicante de dispor de outras condições mais favoráveis, seguem especialistas desejosos de alargar o ramo dos seus conhecimentos.

Nem Portugal, tão-pouco, é o único país que enfrenta o êxodo populacional. Nações há que mostram, igualmente, elevados índices emigratórios.

Contudo algo muito importante se modificou que coloca o emigrante numa posição nova.

Depois de porfiados anos de diáspora, o emigrante português surge agora sob uma luz diferente. O seu lado positivo revela-se sem peias. É visível a transformação gradual das regiões donde ele é oriundo; são-lhe reconhecidos méritos e atributos com base na aquisição de novas técnicas e experiências.

Regista-se e desenha-se, a par e passo, um movimento que não se restringe a ratificar uma reabilitação que tardava. Vai-se mais além.

Lançam-se bases, esboçam-se planos de apoio e de encorajamento aos emigrantes mais desamparados, visando o ensino da língua e da cultura portuguesa aos seus descendentes e a sequência dos estudos em Portugal.

Recentemente, o Presidente da República, Ramalho Eanes, deu a conhecer num discurso proferido no I Encontro dos Emigrantes das Beiras, de um projecto que tem em mente, o qual se reporta à ideia da fundação de cariz social especialmente concebida para protecção à terceira idade.

Nesta jornada de reabilitação e autenticidade, de que se fazia jus, o

mais alto magistrado da nação acabou de frisar no aludido Encontro: «Os emigrantes contam-se hoje entre os portugueses melhor preparados para compreender que não podemos afastar-nos mais dos índices de progresso da Europa. Aliás, as transformações de que o País carece podem beneficiar do capital cultural e técnico acumulados pelos portugueses emigrados em países europeus».

A vocação ecuménica do português, designadamente, do português emigrante, é divulgada na sua verdadeira amplitude, merecendo o reconhecimento dos mais responsáveis que se propugnam conferir-lhe um lugar condigno na mansão donde irradiaram.

Não perdemos de vista, contudo, as razões fulcrais que ditam a emigração.

Quanto a nós, sobressai dentre todas as iniciativas tendentes a consolidar os traços de união existentes entre a terra natal e o emigrante, aquela outra grande tarefa de edificar um país onde ninguém se sinta enteado, estrangeiro ou excedentário.

Importa necessária e imperiosamente, edificar um Portugal novo, onde caibam as ambições mais exigentes e onde todos os portugueses encontrem espaço que comporte a vitalidade que os anima.

Avulta, portanto, a reconstrução nacional de fôlego, dimensionada na exacta relação desse vital impulso criador.

J. C. VIEGAS

CASA

Vende-se prédio no centro da vila (próximo da EVA). Nesta redacção se informa.

(3-3)

VENDE-SE VIVENDA

Com 3 assoalhadas, terço, área coberta de 1000 m² e descoberta 2000 m². Tem pomar e jardim.

Água e possibilidades de luz.

Informa Américo Pinto Baiona (só aos domingos), Alcaria de Salir — SALIR.

(3-3)

VENDE-SE

Carrinha Fiat 124, com 12.000 Km, em bom estado.

Nesta redacção se informa.

(3-2)

Confraternização dos emigrantes das Organizações Hoteleiras

Fernando Barata

No passado dia 26, decorreu no «Oleandro Country Cheg» uma animada reunião de confraternização entre os funcionários das modelares Organizações Hoteleiras Fernando Barata.

No ágape efectuado não faltaram as sardinhas e as febras, nem o baile que se seguiu, abrilhantado pelo conjunto «Contacto», de Faro.

O encontro findou de madrugada, precisamente em «O Pescador», onde toda a gente se divertiu à grande com o «show» ali proporcionado.

Rali do Algarve

(Continuação da pág. 1)
série (1000 exemplares em 12 meses consecutivos);

Grupo IV — Grande Turismo (400 exemplares em 24 meses consecutivos).

Os prémios atribuídos cingir-se-ão à classificação geral, por grupos e por classes.

Provas de classificação senhoras, Slalom. Os prémios monetários ascenderão a 250 000\$00.

O programa social está delineado na seguinte maneira: no dia 10, recepção aos concorrentes; dia 11, almoço volante durante a neutralização do Fcra (ponto mais alto do Algarve); nos dias 12 e 13, ceia volante durante a neutralização na histórica cidade de Silves; no dia 13, cerimónia de proclamação dos vencedores e jantar de distribuição dos prémios na Aldeia das Açoteias.

As taxas de inscrição, envolve a publicidade dos organizadores nos números de carros concorrentes: inscrição e pagamento feitos até 31 de Agosto, 3000\$00; até 30 de Setembro, 3500\$00; até 29 de Outubro (último dia para a recepção de inscrições), 4000\$00. Sem a publicidade dos organizadores, 8000\$00.

Entretanto, sabemos já que têm chegado ao Raci Club muitos pedidos de inscrição de pilotos estrangeiros, podendo-se já adiantar que muitos nomes de cartel do automobilismo europeu já exteriorizaram o seu grande interesse em participar.

SERRANA

Água Púrrima agora, também, no Algarve.

VENDE-SE ANDAR EM FARO

EM PRÉDIO DE CONSTRUÇÃO RECENTE, VENDE-SE UM ANDAR POR ESTREAR, COM 4 ASSOALHADAS E TODAS AS COMODIDADES, SITUADO PRÓXIMO DO MERCADO.

TRATAR PELO TELEF. 65457 — QUARTEIRA.

(3-3)

Festas de Verão

(Continuação da pág. 1)

e das comodidades, as Festas de Loulé surgiram como um derivativo a não desprezar.

Por seu turno, uma vez que se inspiravam em expoentes de cunho popular não só ao turista dirigiu o seu convite. Diremos mesmo que devido a essa peculiaridade, ao seu tipismo, mais persuasivamente endereçou ao excursionista e às gentes locais e circunvizinhas um aceno irresistível.

Daquí fácil é concluir que as três noites de 13, 14 e 15 de Agosto, durante as quais as Festas de Loulé monopolizaram as atenções, se converteram em metas de muitos jornalistas e num polo convergente das populações em derredor.

Mais uma vez, nas horas de maior aperto, as bilheteiras foram assediadas e não tiveram mãos a medir para corresponderem às solicitações.

A Avenida José da Costa Mealha, transformada num enorme recinto, foi pequena para albergar a mole imensa das afluências que nela encontraram instalada uma variadíssima gama de atracções, emolduradas por uma ornamentação condigna e de belo efeito decorativo.

Assim o naipe de atracções agen-

ciaram desde logo os favoritismos dos circunstantes que tiveram ocasião de os apreciar e até neles participar.

— A feira-amostra de produtos regionais, de barro, cobre, palma, cana, esparto, em plena laboração; desfile em parada de numerosos carros engalanados e iluminados; exposições de ranchos folclóricos regionais durante as quais se estreou com estrepitosos aplausos o Grupo Infantil da Associação dos Amigos de Loulé; actuação da Fanfara dos bombeiros Voluntários de Lagos; exibição da Banda Filarmónica Artistas de Minerva e o Quinteto Castiço Algarvio; bailes em todas as noites com uma pista privativa para os «saudosistas»; barracas de comes e bebes, com sardinha assada, frango de churrasco, ameijoas e outras iguarias à escolha.

Enfim, não há dúvida que estas inebriantes noites, regorgitantes de animação, serviram para dar razão à legenda que a encimou: dar férias às próprias férias.

J. C. V.

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Para esclarecimento dos interessados, esclarece-se que se encontra a pagamento durante o mês de Agosto nas Tesourarias de Finanças, a contribuição Industrial — Grupo A — referente ao ano de 1976.

Não sendo paga no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente JÚROS DE MORA.

IMPOSTO COMPLEMENTAR Secção A

O imposto deverá ser pago durante o mês de OUTUBRO do ano seguinte àquele a que respeita.

Moradia Térrea

Disfrutando de surpreendente panorâmica sobre as zonas de Albufeira (Areias de S. João, Monte Chorro, Balaia, Olhos d'Água, etc.) e Quarteira-Almancil (Vilamoura, Vale de Lobos, etc.), com logradouro de 1 600 m², 8 compartimentos e várias dependências agrícolas, com luz eléctrica e água de cisterna, vende-se, na região da Patã de Cima, freguesia de Albufeira, em separado ou conjuntamente com propriedade com área de 2,5 h., povoada com diferentes fruteiras, vinha, amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e ainda pequena área de bosque.

Informa n.º 32 deste Jornal.

(2-1)

Se está interessado em construir a sua vivenda

Contacte com José Correia Bárbara, residente no sítio do Poço Novo — Loulé — Telef. 62255, que também executa reparações em prédios novos ou antigos.

(4-4)

ARMAZÉNS ALUGAM-SE

2 Armazéns, com 160 m² cada um e um terreno livre confinante com a estrada Loulé-Faro, junto à Fonte da Pipa. Informa no próprio local: Sebastião Mestre ou Leonardo Martins.

(2-2)

Lotes de Terreno

Vende-se, na Avenida do Cemitério em Loulé. Nesta redacção se informa.

(2-2)

VENDE-SE

Duas propriedades, perto da vila de Loulé, uma com direito a construção.

Informa João Cabaço, Rua de Portugal — LOULÉ.

(2-2)

APARTAMENTO

Vende-se um apartamento por estreiar com 3 assoalhadas, situado na Rua José da Costa Guerreiro.

Tratar pelo telefone 62029 ou 62125 — LOULÉ.

(3-3)

VENDE-SE EM QUARTEIRA

Casa de rés-do-chão, ao pé da praia, em bom estado. Informa Casa Baguinho — QUARTEIRA.

VENDE-SE

Por motivo de retirada, vende-se um prédio situado na Transversal, à Av. José da Costa Mealha c/ rés-do-chão e 1.º andar, R. Eng.º Barata Correia.

Informa Telef. 62931 — LOULÉ.

(4-3)

QUOTIDIANOS

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

«A PONTE DO VOLTA-ATRÁS»

Aquilo até era difícil dizer quem é que tinha razão. Fora tudo tão rápido, tão coincidentes as entradas, tão centesimais os descuidos, que quando deram por eles, lá estavam, frente a frente, mesmo no centro daquele obsoleto meio de transposição rodoviária, a que ainda se tem a coragem de não inscrever na Caixa de Previdência e conceder uma urgente e caritativa reforma.

Postos que assim se encontravam, ocorria-lhes em primeira reacção: «E agora? O que é que se faz?» E sequer um deles se lembrava qual a cor do sinal que estava do seu lado de entrada, lá atrás, ridículo de inoperância, deslocado no tempo e no espaço. Nem estavam, qualquer deles, nada interessados em sair dos respectivos veículos e ir verificar de que lado estava a razão. Cinquenta metros, hoje em dia, na era do homem mecanizado, parece já ser distância razoável para se dar gasto à sola. Além do mais, com o soalheiro que batia por aquelas horas, alguma insolação tornaria decerto extremamente perigosa qualquer acção impensada de funestas consequências para saúdes tão finas e delicadas. Até porque, ali dentro de qualquer daqueles automóveis, mais a mais com o leitor de cassettes rodopiando e cantarolando Dylan ou Amália, seria um grande incómodo ter que calçar as alpercatas nos pés cansados e cheios de areia da Falésia ou de Vilamoura, ansiosos que estavam pelo duche revigorador e arrastador do «chulé» de pata ao fim de tarde e do alcatrão da praia.

Resolveram deste modo, em comum acordo, entrar em desacordo, tal qual dois bodes teimosos, marrando que nem bestas, a ver qual deles seria mais torto.

Começaram com uma sinfonia de apito, bastante mal apreciada pelas rãs da ribeira vizinha, que iniciaram uma coaxada geral de protesto. Passaram depois à gesticulação teatral, a expressão dos punhos em sorrisos de manguito bandeando no ar em rebocoques e papagaiadas foleiras. Tocaram então na honorabilidade das respectivas mães, e aqui é que a porca torceu o rabo! Influenciados certamente pelo filial instinto de defesa da honra familiar, as duas claques saíram com grande estardalhaço e banzé de ameaças das respectivas carripas, avançaram decididas uma para a outra armadas de sombrinhas e cadeiras de praia, pãzinhos, baldes de plástico e bóias de borracha, e transformaram rapidamente o cimo daquela respeitável e ancestral ponte sobre uma rele ribeira na fronteira dos concelhos de Loulé e de Albufeira, num campo de batalha de mulas tão espantadas como enfurecidas.

De um lado e do outro da ponte, as bichas de automóveis acotovelavam-se nos pára-choques, e consumiam ao ralenti o tão necessário líquido gasolinífico enquanto as paciências criavam cera nos nossos anestesiados espíritos reivindicativos.

Deixamos ao estimado leitor, o prazer de saborear a seu gosto um fim para esta tão triste como cómica história, podendo dar largas à sua imaginação.

PARA BOM ENTENDEDOR

MEIA PALAVRA BASTA

Na nossa edição de 28 de Julho passado, sob a rubrica «Que se passa com o mercado municipal», debítamos algumas interrogações que tiveram como ponto de partida certos rumores, estes sim baseados (ao que depreendemos) de pressupostas «anomalias» que por ali ocorrem.

Tivemo-los (esses rumores) em conta devida pois vieram avolumar as murmurações e queixas já anteriormente formuladas. No entanto, como de «rumores» e de «murmurações» se tratavam, não nos ofereceram a necessária consistência para usarmos do tom crítico e acusativo que, casos confirmados e testemunhados, exigiriam sem contemplações.

Daí o motivo de solicitarmos das entidades competentes a sua intervenção, no preciso sentido de averiguar a veracidade dos factos e de actuar, sim, se em presença de irregularidades dignas de repressão correctiva, visto que o consumidor não pode nem deve ficar à mercê dos concupiscentes e dos inescrupulosos, ou transformar-se sequer, em mero joguete especulativo de ocasião.

Levantamos, pelas razões enumeradas variadas interrogações que

tiveram e têm ainda por objecto espreitar respostas atinentes à sua verosimilhança ou não.

Por outro lado não designamos ninguém, nem censurámos colectiva ou singularmente fosse quem fosse.

Guardamos portanto a devida circunspeção e reserva que as circunstâncias aconselharam.

Todavia alguém houve que se apressou a conferir a escrito interpretações que este não possui e que só se explicam (as interpretações) pela ligeireza de uma leitura deformante e parcialista.

Ora é preciso que nos entendamos... e coloquemos os pontos nos ii.

Quem enfia a carapuça?

Quem é que teme?

Precisamente, a quem ela (a carapuça) serve e quem deve...

De contrário, se a consciência não acusa e se os procedimentos pautam uma conduta irrepreensível não há que recear as críticas e as insinuações e muito menos ainda conjecturas que visam, em última instância, a ratificação (se existente) de eventuais abusos de outrem, pelos quais evidentemente, podem assacar-se responsabilidades.

Entrevista-flash com Fernando Barracha componente da Comissão Organizadora das Festas de Verão de Loulé

Com o fim de recolhermos uma opinião conceituada deparou-se-nos a oportunidade de entrevistar, na semana antecedente à realização das Festas de Verão de Loulé, o sr. Fernando Barracha, um dos membros da presente comissão organizadora desta aliciente iniciativa.

O diálogo então estabelecido andou em torno da origem e concepção do empreendimento aludido e, pelo que mais adiante se verá, envolveu acidentalmente a eventual dissolução da comissão que tantos êxitos tem proporcionado a Loulé.

Numa rápida transcrição, aqui damos à estampa a conversa tida:

Voz de Loulé — Como surgiu a ideia de se elaborar a programação das Festas de Verão de Loulé?

Fernando Barracha — Isto já é uma ideia muito antiga. Talvez aí de 30 anos pelo menos. Foi ideia minha fazer as Festas de Verão com o intuito de obtermos fundos a fim de evitar dificuldades em os conseguir por parte da Santa Casa da Misericórdia para as festas do Carnaval. Na altura houve quem tentasse dissuadir-me desse propósito. É claro que foi desde essa ocasião que data a minha vontade de realizar estas festas. Todavia, nunca houve facilidades.

V. L. — Entretanto, baseado no empenho de atrair os forasteiros e os turistas do litoral, revelou-se o parecer de que estas festas constituíam um ótimo pretexto, o que veio reforçar com mais um motivo suplementar, essa ideia feliz das Festas de Verão. Não é assim?

F. B. — De há uns anos para cá sim, porque antes nem sequer se pensava em turistas.

V. L. — Como pode resumir a acção da Comissão Organizadora?

F. B. — A comissão é a mesma,

praticamente, em relação à comissão do carnaval. Dela fazem parte o prof. Duarte, Ilídio Floro, eu e Manuel Correia, que é um elemento incansável. Considero-o imprescindível. Nós recomencamos novamente este ano, salvo erro, por intermédio de um convite da Câmara, findo um interregno de 4 anos. Encontrámos é claro dificuldades posto que nos anos transactos estragaram tudo quanto havíamos anteriormente feito. Mas, com boa vontade nós conseguimos fazer o que esteve à vista de toda a gente.

Depois disso pensamos logo em reorganizar as Festas de Verão. Todavia as dificuldades têm residido, como sempre, na falta de um armazém onde pudéssemos recolher os carros e trabalhar em condições. Ora este ano ficamos com os carros depositados num celeiro cedido por um certo tempo já ultrapassado. Por sua vez a Câmara construiu um armazém que infelizmente ainda não está concluído por vários motivos.

Vamos a ver o que é que sai em relação a estas Festas de Verão.

V. L. — Quanto ao planeamento das festas obedeceu a algum estudo preconcebido?

F. B. — Já há anos que se fala em fazer isto e fazer aquilo. Mas ou menos as Festas de Verão estão a ser organizadas na maneira como idealizámos talvez há uma década, com algumas variantes. Temos tentado fazer o melhor possível.

V. L. — Como prognostica futuras iniciativas desta natureza aqui, em Loulé?

F. B. — Bem eu não desejo invocar nomes, mas não vejo muita possibilidade de continuarmos. Estamos já muito cansados, tem havido muitos problemas, mas vamos dei-

xar material para quem pretenda prosseguir ou destruir.

V. L. — É pena que assim suceda, mas então não anima a comissão, que tem demonstrado dotes de iniciativa apreciáveis, qualquer intuito de ir mais além?

F. B. — Bem, da minha parte isso é garantido que já não faço mais parte da comissão de festas. Tenho pena, porquanto desde os 10 anos que ando metido nisto. Pela parte da comissão, parece-me que nenhum está disposto.

Agora será a vez de outros pegarem no testemunho.

Subscrição para aquisição duma cadeira de rodas

Continuam a afluír a este jornal as contribuições proporcionadas pela generosidade dos nossos estimados leitores, que desta forma se associam ao apelo por nós lançado no sentido de se promover a compra de uma cadeira de rodas destinada a Virgínia da Conceição Mendes, parcialmente entevada.

Igualmente registamos (e com isso nos congratulamos) gestos de inequívoca solidariedade a confirmar aquilo que em abono da verdade temos vindo a constatar amiúde: a sensibilidade dos contribuintes pela adversidade alheia, o que equivale a um peremptório desmentido pela pretensa indiferença que se diz hoje reinante.

Ainda há bons corações e graças a eles dentro em breve poderemos satisfazer o propósito que desde o princípio desta subscrição nos anima: adquirir com a maior brevidade possível a desejada cadeira de rodas para Virgínia da Conceição Mendes.

As contribuições recebidas, somam até ao momento o valor seguinte:

Transporte	7 291\$00
Bernarda Barros Rodrigues	200\$00
M. M. L. L.	200\$00
António da Sila - Austrál.	384\$50
Artur Santos — Loulé ...	100\$00
De um cidadão privado de direitos cívicos, sem julgamento, sem culpa formada e sem defesa	200\$00
Maria Alice G. Ramos — Loulé	50\$00
Carlos da G. Ramos ... Loulé	100\$00
J. P. M. — Azeiteiro ...	1 000\$00
Anónimo	100\$00
Maria Pires, Manuel Lourenço, Joaquim P. da Silva e Rogério da Luz Vicente — França.....	392\$50
Resália Maria Sousa Vieira — Alemanha	339\$70
Maria Antónia Varela — Loulé	100\$00

Total 10 457\$70

NOVA PONTE EM SERPA

Sem qualquer cerimónia protocolar, abriu ao público a nova ponte de Serpa, sobre o rio Guadiana.

A ponte, que custou 115 mil contos, substitui a ponte ferroviária em serviço desde 1880, e que havia sido adaptada ao tráfego rodoviário em 1926.

Com um comprimento total de 449 metros, vem facilitar as comunicações com Espanha, nomeadamente com Sevilha, e permite ainda um melhor escoamento do tráfego entre Serpa e Beja.

Uma carta de Fernando Barata

A todos os trabalhadores da Indústria Hoteleira e de restauração do Algarve que verdadeiramente trabalham

Responsáveis como somos por 20 unidades, 1800 camas e 300 trabalhadores, e com a autoridade moral que naturalmente nos advém de termos sido porteiro da noite, recepcionista, empregado de mesa e lavador de pratos, entendemos dever vir denunciar energeticamente as novas tentativas de encadeadas, com honras de Televisão, pelas cúpulas directivas dos Sindicatos do sector, incluindo o de Faro, no sentido do prosseguimento da acção antiturstica em que com indistigáveis propósitos desestabilizadores de há muito se empenham, contra a lei, contra o interesse nacional, contra as opções claramente expressas pelo Povo português.

Os aburguesados mentores sindicais — para quem o dinheiro ganha-pão dos trabalhadores parece ser bom meio de ganhar passeios, comezainas e hotéis de luxo — não se limitam, eles que na maioria já pouco ou nada trabalham, a não querer deixar que os outros trabalhem. Agora fazem ultimatums, declaram-se «sem medo da repressão», dizem-se dispostos «às últimas consequências», ameaçam com a publicação e o envio de documentos em diversas línguas, destinados aos turistas internacionais, e com outras «formas de luta»...

Aos trabalhadores, a esses, ainda os patrões sindicais os não consultaram. Mas não faz mal: «sabem» já que a sua vontade «é de se avançar»... «Bruxos»!

Estas Organizações defenderam em devido tempo, embora se achem muito longe de nadar em abundâncias, que era preciso e justo aumentar os ordenados e es-

tão a pagar a nova convenção de trabalho e, em muitos casos, directa e indirectamente, bastante mais do que ela. Mas não devem ficar dúvidas de que compreendemos e respeitamos as empresas que de todo em todo não a podem pagar; e de que secundamos as diligências das associações patronais no sentido de, dentro da legalidade democrática, impugnar diversos outros aspectos do clausulado do ACTV/PRT e no de requerer a declaração do sector em crise.

De igual modo nos merecem apoio os esforços de concertação promovidos pelas instâncias oficiais e a firmeza com que estas afirmam que não tolerarão actuações provocatórias e perturbadoras de quem quer que seja, em especial, certamente, dos que, como os dirigentes sindicais, as consideram «atrozmente incapazes».

Por nossa parte, permaneceremos — Administração e trabalhadores — atentos e aptos a responder com as contra-medidas, de informação e outras, que julgemos adequadas ao combate necessário às nefastas manipulações das Direcções sindicais, às quais perguntamos se dispõem já de dinheiro para pagar, em substituição das execráveis entidades patronais, os salários de Novembro, de Dezembro, de Janeiro, de Fevereiro e de Março próximos.

Ou, se, ao menos, no-lo vão emprestar...

Pelas ORGANIZAÇÕES HOTELEIRAS FERNANDO BARATA
Fernando Barata
(Presidente)